



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CÍCERA ALINE SÉRGIO FEITOZA

EMPREENDEDORISMO FEMININO: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA  
SOCIAL DO TRABALHO

Juazeiro do Norte  
2019

CÍCERA ALINE SÉRGIO FEITOZA

EMPREENDEDORISMO FEMININO: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA  
SOCIAL DO TRABALHO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Orientador: Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima

Juazeiro do Norte  
2019

## EMPREENDEDORISMO FEMININO: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL DO TRABALHO

Cícera Aline Sérgio Feitoza<sup>1</sup>  
Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima<sup>2</sup>

### RESUMO

Muitas mudanças vêm acontecendo ao longo dos anos no Brasil. E a economia brasileira vem sofrendo com elas, foi com a crise econômica que novas inserções como o empreendedorismo tomou uma grande proporção, acarretando mudanças nas formas de sobrevivência dos trabalhadores. Analisando mudanças como essas, nota-se que as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaço em diversas áreas profissionais e essa evolução também ocorre no campo do empreendedorismo e no trabalho informal. O presente artigo tem objetivo de analisar esse fenômeno por meio de experiências femininas diretas com o empreendedorismo, compreendendo os diferentes aspectos subjetivos e como essas mulheres enfrentam essa nova forma de trabalho. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com quatro mulheres empreendedoras na cidade de Potengi-ce, e por meio dos resultados foi possível detectar que há uma prevalência de um empreendedorismo por necessidade. Ainda percebeu-se que essas mulheres estão concentradas em setores que podemos considerar atividades típicas do gênero feminino.

**Palavras chaves:** Empreendedorismo. Trabalho Feminino. Desigualdade.

### ABSTRACT

Many changes have been happening over the years in Brazil. And the Brazilian economy has been suffering from them, it was with the economic crisis that new insertions such as entrepreneurship took a large proportion, leading to changes in the ways of survival of workers. Analyzing changes such as these, it is noted that women are gaining more and more space in various professional areas and this evolution also occurs in the field of entrepreneurship and informal work. This article aims to analyze this phenomenon through direct female experiences with entrepreneurship, understanding the different subjective aspects and how these women face this new form of work. The research was conducted through interviews with four women entrepreneurs in the city of Potengi-ce, and through the results it was possible to detect that there is a prevalence of a need entrepreneurship. It was also noticed that these women are concentrated in sectors that we can consider typical female activities.

**Keywords:** Entrepreneurship. Female work. Inequality.

## 1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo em um âmbito geral em particular o feminino está em grande evidência no Brasil, devido a um crescimento gradativo da feminização no mercado de trabalho empreendedor. Essa atividade vem se expandindo, devido à situação econômica do país e o ingresso das mulheres no mercado empreendedor surge mediante ao aumento de sua independência econômica e social. Em 2017, o Brasil teve a terceira maior proporção de mulheres nos Empreendedores Iniciais (em 49 países). Em 2018, foi a sétima maior (INSTITUTO BRASILEIRO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE- IBQP, 2018). Tendo em vista a sua relevante expressividade desse fenômeno, ver-se a necessidade de conhecer a sua importância no atual cenário econômico, e como essa inserção possibilitou atribuições de novos papéis, que anteriormente eram utópicos a figura feminina.

A compreensão das mudanças no mundo do trabalho e aspectos específicos como questões que envolvem gênero, exige um estudo detalhado sobre as conexões históricas relacionadas aos diferentes papéis que a mulher ocupou ao longo dos anos. Nas últimas décadas do século XX, o país passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais que tiveram grande impacto sobre o aumento do trabalho feminino, como a queda da taxa de fecundidade, sobretudo nas cidades e nas regiões mais desenvolvidas do país, até atingir 2,1 filhos por mulher em 2005 (FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- FIBGE, 2006, p.50); a redução no tamanho das famílias que, em 2005, passaram a ser compostas por apenas 3,2 pessoas, em média, enquanto em 1992 tinham 3,7 e, finalmente, a tendência demográfica mais significativa, que tem ocorrido desde 1980, que é o crescimento acentuado de arranjos familiares chefiados por mulheres os quais, em 2005, chegam a 30,6% do total das famílias brasileiras residentes em domicílios particulares.

Com essas mudanças a mulher conquistou um maior espaço no mercado de trabalho, que resultou na resignificação e acumulações de novos papéis. Porém as desigualdades ainda se fazem fortemente presentes. Segundo dados estatísticos do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE<sup>3</sup> (2004), as mulheres brasileiras fazem parte do grupo que, apesar de alcançar o maior índice de escolaridade, ainda encontra-se em lugares de precariedade e desigualdade, relacionada ao trabalho. Dadas tais condições, uma grande parcela das mulheres brasilei-

ras tem buscado diversificar suas formas de sobrevivência, por meio da criação de negócios próprios, o que leva a se encaixarem no fenômeno nomeado como empreendedorismo.

Além dessas mudanças sociais, vale destacar também a variedade de transformações que ocorreram no mundo do trabalho, dentre elas, o aumento dos modelos com menos proteção e maior flexibilidade nas relações trabalhistas, como a terceirização, que impõe condições muitas vezes precárias para a sua permanência, tal fato, pode ter influência direta com o aumento da atividade de empreender. Diante desses novos desafios, e com um aumento significativo de participação de mulheres nessa atividade, nem sempre vinculada a uma ação profissional formalizada, podemos observar o afetamento da figura feminina de formas diferentes do que se apresenta na masculina (NATIVIDADE, 2009).

Por meio dessas diferenças a mulher encontra-se em desvantagem em relação ao homem, pois a sua entrada no mercado de trabalho aconteceu de forma acumulativa. E para conquistar uma elevação funcional, essas mulheres acabam indo além de suas forças para romper preconceitos e determinismos sociais relativos ao gênero, e mesmo que demonstrem plenas condições de fazer o que lhe é atribuído, ainda continuam hierarquicamente subordinadas. Diante das exigências internas e externas ao trabalho, essas mulheres se veem sem condições de abarcar tantas responsabilidades que lhe são impostas. E isso produz sensações de incompetência, de cansaço, de sofrimento, de desgaste, as quais interferem sobremaneira no processo de viver humano. É possível dizer que, se estas representam avanços significativos, também contribuem para o estresse e as tensões que afetam de forma impactante os comportamentos e modos de vida femininos (COELHO, 2002).

O trabalho ainda buscará por meio de entrevistas semi-estruturadas, compreender a inserção da mulher nesse processo de empreender em seus mais diferentes aspectos subjetivos, analisando as diferentes e similares vivências desses contextos. Além disso, analisar por meio de uma revisão bibliográfica as considerações históricas relacionadas a esse fenômeno.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## 2.1 CENÁRIO ATUAL DO TRABALHO NO BRASIL

Estudar sobre o fenômeno empreendedor requer uma análise sobre configurações do trabalho, que ao longo dos anos estão se transformando em função de muitas mudanças. No trabalho da pós-modernidade, marcada por uma flexibilidade, adaptação exigida pelo atual contexto, os indivíduos sentem-se cada vez mais inseguros, e como forma de minimizar esse sentimento, priorizam, as satisfações instantâneas no ambiente do trabalho. Há uma necessidade, nesse aspecto, de um auxílio importante da Psicologia para esses trabalhadores (Bauman, 2003).

No atual cenário em que o capitalismo se encontra, nota-se uma variedade de tentativas de deslocar as responsabilidades do mercado e do Estado para o indivíduo, o obrigando a buscar incessantemente formas de sobrevivência e de uma inclusão cidadã e social (ALENCAR, 2007). Essa transferência estimula um individualismo (BATISTA, 2002), e o empreendedorismo tem sido cada vez mais consagrado como um instrumento necessário de combate ao desemprego.

É notório que a atividade de empreender pode está atrelada a essa instabilidade no ambiente de trabalho, como uma forma de controlarem sua situação financeira, e fugirem da insegurança e precariedade das atuais configurações de trabalho (OLIVEIRA, 2016), porém é importante se pensar que essa não seria uma característica unicamente determinante.

É nesse contexto de flexibilização e redução de direitos trabalhistas, que se alastra o número de trabalhadores informais, dentre eles os empreendedores. O fortalecimento de um discurso que aponta a ideia de que todos têm possibilidades de serem “empresários” e “donos do próprio negócio”, cresce o número de pessoas que, por não ter alternativa e nem acesso a um emprego formal e estável, se tornam empreendedores por necessidade (FALCÃO, 2008).

A lógica empreendedora no atual contexto é marcada pelo individualismo e pela meritocracia, onde, o sujeito é o único responsável pelo seu fracasso ou sucesso. Nessa lógica, o estado se esquivava da sua responsabilidade, sendo encargo, portanto, apenas a intervenção a fim de garantir condições mínimas para que o empreendedor cresça e, com ele, cresça a economia do país (OLIVEIRA; CASTRO; SANTOS, 2007). Com isso se cria uma ilusão de que o Estado está intervindo na questão do desemprego e do aumento da renda, quando na verdade a responsabilidade e o risco estão sendo transferidos para os trabalhadores.

Não sendo a primeira opção, os trabalhadores procuram formas de fazer com que essa função de empreender assuma um valor mais elevado socialmente, apregoando-se a ideias ilusórias de um empresário que controla seu próprio tempo. De acordo com dados trazidos por Malaguti (2000), “[...] esses trabalhadores chegam a trabalhar uma média de 66,95 horas semanais, o que daria uma jornada diária de quase 14 horas em cinco dias úteis [...]”, e essa disseminação do empreendedorismo faz com que esses trabalhadores explorados acreditem que são patrões deles mesmos e desejam explorar outros trabalhadores.

Barbosa (2005, p. 83) salienta a existência de uma falsa autonomia dos empreendedores, indicando a permanência de uma vinculação ao mercado formal, seja para fazer o serviço ou produto, seja para adquirir matéria-prima.

Nesse cenário de prevalência da informalidade e de altos níveis de desemprego, é aprovada a Lei do Microempreendedor Individual, Lei Complementar 128/2008, que criou a figura do Microempreendedor Individual, com o objetivo de “formalizar” os informais. Além da formalização que poderia ser feita pela internet e do registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), o que facilitaria a obtenção de empréstimos (OLIVEIRA; CASTRO; SANTOS, 2007). E como um dos atrativos, o trabalhador exerga nesses programas a possibilidade de uma proteção previdenciária.

O empreendedorismo que seria uma forma de saída para a superação da pobreza, do desemprego e da exclusão social, termina por ser apenas mais uma maneira com características neoliberais de se isentar de suas obrigações e deslocar para o âmbito privado problemas que, na realidade, são sociais (OLIVEIRA 2016).

## **2.2 TRABALHO FEMININO**

Durante as 1ª e 2ª Guerras Mundiais (1914 – 1918 e 1939 – 1945, respectivamente), a entrada da mulher no mercado de trabalho foi impulsionada. Os homens foram enviados para o combate e muitos morreram durante o conflito, com isso a contratação de mulheres se tornou a única alternativa, com isso as mulheres ganharam mais espaço, e é durante esse período que nascem os movimentos feministas.

Com uma maior organização, as lutas por direitos e pela igualdade ganhou força (AMORIM, 2011).

Durante muito tempo a mulher foi vista como menos capaz para o trabalho fora de casa, porém com a revolução industrial esse quadro começou a se modificar lentamente. As mulheres foram cerca de 30% da população industrial ativa, na segunda metade do século 19, e uma busca incessante por esse público fez sua participação aumentar (30% em 1866: 37,7% em 1906) cada vez, formando um reservatório feminino. Porém esse crescimento estava atrelado a uma mão de obra barata e de fácil acesso (PERROT, 2005). Apesar desse crescimento, a desigualdade tanto nas jornadas como nos salários eram muito desiguais. Com a crescente industrialização as mulheres começaram a ter dupla jornada, pois não abundaram seus lares e funções.

Porém esse crescimento foi marcado por uma intensificação da divisão sexual do trabalho e do espaço social que permeou no século 19. Na sinfonia concertante dos discursos sobre a natureza feminina, chave de um inevitável destino, sobre a especificidade dos papéis dos sexos definidos pela relação com a família fundamental e necessária, o discurso operário, à primeira vista, destoa muito pouco (PERROT, 2005).

Vários estudos sobre esse crescente número de mulheres no mercado de trabalho, apontam diferentes motivos para esse aumento, não limitando apenas as mudanças de padrões culturais. Um dos principais seria o aumento do nível de escolaridade da mulher brasileira nos últimos anos devido a uma evolução de seus valores sociais. Fator que contribuiu fortemente para a queda da taxa de fecundidade, contribuindo para uma maior disponibilidade para a atividade econômica (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1996 apud). Mesmo com esse aumento, a discriminação ainda se faz presente.

Outro fator de grande relevância para esse crescimento refere-se a uma estagnação econômica, junto a uma elevada inflação e recorrentes mudanças nas estruturas do trabalho (LEONE, 1997). Esses dentre vários outros fatores reforçaram uma maior participação feminina no mercado de trabalho, como alternativas de evitar um declínio na situação econômica das famílias.

A participação das mulheres no mercado de trabalho vem carregada de mudanças também nas ocupações. No entanto, ainda há prevalência de postos ditos

femininos, como o trabalho doméstico. . “[...] O emprego doméstico é um dos maiores “guetos” femininos, na medida em que se trata de uma ocupação na qual mais de 90% dos trabalhadores são do sexo feminino [...]” (BRUSCHINI E LOMBARDI, 1999, p.3).

## **2.3 EMPREENDEDORISMO**

### **2.3.1 HISTÓRICO**

O termo empreendedorismo, embora tenha ganhado mais espaço nas últimas décadas, não é um assunto recente. Acredita-se que essa atividade seja tão antiga quanto o comércio entre indivíduos. Vários estudos sobre empreendedorismo defendem que a origem do termo ocorreu na Idade Média, quando então, o termo correspondia a algo distinto do que se apresenta atualmente. A atividade nessa época referia-se a sujeitos que participavam de projetos de produção (NATIVIDADE, 2009).

O significado da atividade mudou durante anos posteriores, no século XII, o conceito passou a se associar às pessoas que incetivavam brigas. Já no início do século XVII, ainda com a mesma relação, o empreendedor era reconhecido como aquele que coordenava ou era responsável por uma operação militar. Nos séculos seguintes, XIX e XX, com a implantação do modelo de produção fordista, o termo empreendedor passou a se confundir com os de gerentes e administradores, ao mesmo tempo, em que passou a estar diretamente associado com a inovação, aliado à percepção de oportunidades (DORNELAS, 2008; MARIANO, 2011).

Segundo Hisrich & Peters (2002):

o empreendedorismo se caracteriza por uma capacidade de identificar oportunidades e criar algo inovador sob condições de incerteza, assumindo os riscos aí envolvidos. Persistência e visão de futuro envolvem o processo de empreender que tem como resultantes uma nova maneira de realizar um trabalho – um novo produto, serviço ou atividade – ou a criação de um novo empreendimento. As mudanças no mercado de trabalho ao longo dos anos atingem os diferentes gêneros de forma distinta.

Conforme as características associadas à atividade de empreender o SEBRAE (2007) apontam como uma ilustração clara de um exemplo inicial da primeira definição de empreender a de Marco Polo que tentou estabelecer rotas comerciais

para o Extremo Oriente. Atitude que estava atrelada ao empreendimento, visto que ao assinar o contrato, o mesmo assumia grandes riscos.

Ao longo dos anos essa atividade passou a fazer parte da economia de trabalho brasileira. De acordo com os dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2011), criado em 1972:

no Brasil há cerca de 2,7 milhões de microempreendedores, ou seja, 30% dos brasileiros, e esse número continua a crescer devido, em parte, ao apoio que esse serviço efetiva ao auxiliar os microempreendedores por meio da promoção de programas de capacitação, acesso a mercados, estímulo ao associativismo e benefícios da previdência social - auxílio doença, salário-maternidade, pensão por morte e auxílio reclusão.

Apesar das iniciativas do SEBRAE, voltadas para o empreendedor, os números apontam que 60% dos novos negócios fracassaram no quinto ano. Esses fracassos podem estar relacionados a uma implantação inadequada sem um estudo anterior sobre a situação econômica, ou uma má elaboração de um plano de negócios. No entanto, apesar da alta taxa de "fracassos" dessas organizações, a presença de pequenos negócios é vista como vantajosa por muitas pessoas e para própria economia. Soares (2002) "[...] argumenta que antigamente era inconcebível a um jovem recém-formado preocupar-se com a criação de um negócio próprio, hoje, na pós-modernidade, essa questão não só é vista como possível, mas também frequente e incentivada [...]".

No entanto, deve-se pensar sobre o que está por trás desse incentivo, uma valorização do estado quanto ao novo modelo de homem, através da figura do empresário, com seu caráter inovador e empreendedor, distinto do conjunto da população e elemento fundamental de qualquer sociedade. Esse homem segundo Schumpeter (1982) está inserido nessa atividade de empreender que não se constitui nem em profissão, nem uma condição duradoura e nem classe, ainda que o êxito da atividade empresarial o leve a determinadas posições de classe.

Segundo (MARTINELLI, 2009) "[...] esse empresário não seria parte necessariamente da burguesia, estando presente em vários setores sociais, a partir de indivíduos que incorporariam essa "psicologia" do empreendedor, marcada pela ambição social, engenhosidade, criação de novos produtos e empresas, bem como de oportunidade ou necessidade [...]".



quena maioria masculina. Essa aproximação aponta para um crescimento dessa atividade no contexto feminino, e esse avanço, em grande parte, se deve a uma expansão da mulher no mercado de trabalho, e também como uma resposta a discriminação ainda presente em ambientes corporativos (Machado, 2012; Gebran & Nassif, 2010), onde a desigualdade de gênero ainda prevalece.

Apesar de esse número ter aumentado, a sociedade ainda atribui a atividade de empreender como tipicamente masculina, principalmente se a área escolhida não estiver dentro dos parâmetros de atividades adequadas para mulheres (Machado, 2012). Essa evidência aponta a força que o contexto sociocultural tem sob esses fenômenos, sendo conotações negativas para a manutenção e crescimento dessa atividade, aumentando ainda mais as dificuldades enfrentadas por mulheres que compõem o grupo de empreendedoras. Ser mulher e ser empreendedora funciona como produções sociais, com sentido único para cada indivíduo.

Gomes e Santana (2009) “[...] destacam que uma das principais razões para que a mulher venha a ter o próprio negócio é a flexibilidade de horários, pois dessa forma poderá compatibilizar o trabalho e a família [...]”. Para Strobino e Teixeira (2014) a maioria das mulheres empreendedoras enfrentam fronteiras entre o trabalho e os demais contextos de suas vidas.

Segundo Gomes, Guerra e Vieira (2011) “[...] a necessidade de conjugar seus diversos papéis somados à dificuldade de ascensão na carreira vem motivando mulheres a desenvolverem efetivamente o potencial empreendedor para si próprio [...]”.

É de suma importância analisar esse fenômeno de várias óticas, visto que muitas são as fronteiras que permeiam essa atividade. A ação empreendedora pode ser facilitada ou dificultada por seus relacionamentos, devendo ser analisada em seu contexto social. Autores (Powell, 1985), apontam que é difícil definir uma fronteira entre o trabalho e vida pessoal de empresários, pois a atividade empresarial se mostra muito envolvente, absorvendo outras dimensões ou esferas da vida pessoal. E no caso da figura feminina, tais entrelaçamentos apresentam peculiaridades distintas da figura masculina.

### **3. METODOLOGIA**

O presente trabalho terá início com uma revisão bibliográfica, que aponta historicamente as diversas formas de inserção no mercado empreendedor e seus desafios, a pesquisa contou com o levantamento de produções científicas por meio de bibliotecas virtuais, como Scielo e Pepsic, selecionados através de descritores, como: Empreendedorismo; Trabalho feminino; Psicologia do trabalho; sendo essas palavras chave para a pesquisa, entre os anos de 2000 e 2019, anos marcados por grandes mudanças no cenário laboral do nosso país. Também contará com obras literárias contendo referencial da psicologia social do trabalho.

A produção baseou-se em uma análise de conteúdo, por meio de entrevistas semi-estruturadas, que Segundo Bardin (2011), trata-se de um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados. E para a análise desses discursos usaram-se categorizações, escolhidas através da seleção de aspectos relevantes para a pesquisa, Bardin (2011) define categoria como uma forma de pensamento que reflete a realidade, de forma resumida, em determinados momentos. A análise categorial, conforme Bardin (2011) consiste no desmembramento do texto em categoriais agrupadas analogicamente. A opção pela por esse tipo de análise se respalda no fato de que é a melhor alternativa quando se quer estudar valores, opiniões, atitudes e crenças, através de dados qualitativos.

A pesquisa contará com a participação voluntária de mulheres, donas do próprio negócio em qualquer setor da economia. Os critérios utilizados para a participação no estudo são: ser mulher; ser dona do próprio negócio e está atuando a mais de um ano; operar diretamente nas atividades do empreendimento diariamente e como critérios de exclusão: desistência voluntária ou não assinar o termo de consentimento de livre esclarecimento-TCLE.

Inicialmente, será estabelecido um contato com as possíveis participantes, convidando-as a participarem da pesquisa. Onde serão esclarecidas dúvidas e acessibilizado os termos de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE e pós-esclarecimento, passar-se-á entrevista, fundamentada em um roteiro com questões abertas, abordando temáticas como: a vivência empreendedora, seus desafios e consequências; o lugar ocupado de mulheres empreendedoras em seu cotidiano; os impasses enfrentados pela acumulação de papéis.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com os dados transcritos, procedeu-se leitura flutuante, ou seja, primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise. Em seguida, foi feita a escolha das categorias, que surgirão das questões norteadoras ou das hipóteses, e a organização destes em indicadores ou temas. As verbalizações dos sujeitos foram classificadas em categorias.

### 4.1 EMPREENDEDORISMO

Na categoria conceito de empreendedorismo, percebeu-se que as mulheres entrevistadas apontam uma definição bem subjetiva do que consiste a atividade de empreender. Falas das participantes apontam um sentido bem particular de suas experiências:

*“empreender para mim é uma alternativa de entrar no mercado de trabalho”;* (entrevistada 1; empreendedora no departamento de beleza; atua há dois anos).

*“empreender significa inovar em próprio negócio”;* (entrevistada 2; empreendedora no departamento de beleza; atua há mais de três anos).

*“acho que não tem uma só definição, empreender é uma vivência singular”;* (entrevistada 3; empreendedora no departamento de moda; atua há três anos).

*“empreender foi a melhor alternativa que tive para ganhar dinheiro”* (entrevistada 4; empreendedora no departamento de beleza; atua a mais de um ano).

Diferindo-se do que a literatura propõe como conceito de empreendedorismo. Autores como Schumpeter (1982) vinculam o termo empreendedorismo a uma inovação na economia, gerando um novo negócio com a introdução de uma nova técnica, um novo produto, novas fontes de geração de renda. Com esse paralelo entre o que é proposto por a literatura e o que é exposto por as mulheres empreendedoras,

percebe-se que o empreendedorismo que prevalece no contexto das participantes é um empreendedorismo por necessidade. E esse empreendedorismo fica evidente em falas como:

*“foi uma alternativa que encontrei, pois não podia cumprir horário por ter uma filha pequena”;* (entrevistada 1; empreendedora no departamento de beleza; atua há dois anos).

*“eu já não aguentava mais trabalhar para os outros, já estava na hora de ter meu próprio negócio”* (entrevistada 2; empreendedora no departamento de beleza; atua há mais de três anos).

O atual cenário de crise econômica traz uma série de consequências para o trabalhador, o desemprego é um delas, e essa ausência de renda faz com que os trabalhadores busquem alternativas criativas de obter uma renda, para manter-se. Nesse contexto, o empreendedorismo por necessidade vem ganhando força. Visto que esse tipo de empreendimento ocorre quando o indivíduo sente-se forçado a iniciar o próprio negócio por não haver outras opções de trabalho ou por estar insatisfeito com as condições do trabalho existentes.

Por meio das verbalizações fica evidente que as participantes optaram por empreender como uma forma conveniente as suas situações de vida. Além disso, o que se percebe é que há a ilusão de conciliação entre as diversas dimensões da vida. O empreendedorismo aparece na realidade feminina como uma possibilidade de, mesmo no espaço doméstico, dar cota de um ganho de capital. Sem abandonar a atividade doméstica que caracteriza o gênero.

*“no empreendedorismo encontrei a possibilidade de trabalhar e conciliar as outras diversas atividades que exerço”* (entrevistada 3; empreendedora no departamento de moda; atua há três anos).

No que diz respeito a características empreendedoras, as mulheres que participaram da pesquisa explicarão em comum características pessoais, sobre o que consistia essa categoria.

*“me considero boa em vendas, e isso é essencial para você tocar seu próprio negócio”;* (participante 1; empreendedora no departamento de beleza; atua há dois anos).

*“sempre me disseram que eu era desenrolada e tenho jeito para lidar com pessoas”;* (participante 2; empreendedora no departamento de beleza; atua há mais de três anos).

*“eu acho que já nasci com esse espírito empreendedor, sou muito criativa”* (participante 4; ; empreendedora no departamento de beleza; atua a mais de um ano).

Por meio dessas verbalizações é possível perceber uma identificação bem particular de cada participante com o seu contexto e história de vida, relacionado à atividade em questão. Eu sou aquilo que estou fazendo e que dá certo.

#### **4.2 TEMPOS E PAPÉIS**

Os dados coletados indicam o percurso até a chegada ao atual trabalho e como elas organizam seu tempo com atribuições de vários papéis. Por meio de suas falas, foi possível identificar uma similaridade nas vivências dessas mulheres, a acumulações de papéis que torna essa inserção desvantajosa, relacionada ao homem, na maioria das vezes não é percebida ou não é alvo de reflexões críticas.

*“além de empreendedora, sou mãe, estudante, noiva, enfim milhões de coisas ao mesmo tempo”;* (participante 2; empreendedora no departamento de beleza; atua há mais de três anos).

*“ser dona do próprio negócio tem suas vantagens, uma delas é a flexibilidade de conciliar com os outros papéis que tenho que desempenhar”;* (participante 3; empreendedora no departamento de moda; atua há três anos).

*“acho que a mulher já tem essa habilidade inata de conciliar várias coisas ao mesmo tempo”* (participante 4; empreendedora no departamento de beleza; atua a mais de um ano).

Sobre essa organização com esses variados contextos em que estão inseridas, as pontuações são bem semelhantes. Suas falas apontam uma dificuldade de conciliar as diversas atribuições de suas vidas além da atividade de empreender, sendo na maioria das vezes obrigadas a estenderem suas jornadas. Alguns autores como (MACHADO, 2003), apontam que as dificuldades mencionadas por mulheres que empreendem são geralmente relacionadas com os pais, maridos ou filhos. Pode-se dizer que um dos motivos para que isso ocorra é porque as mulheres carregam consigo um peso adicional, que é a preocupação vinculada à família.

Um dos fatores dominantes para a conservação desse quadro desigual envolve aspectos históricos, culturais e sociais. Elas continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e demais responsabilidades familiares. O que gera uma acumulação de papéis.

### 4.3 FATORES INFLUENCIADORES

Quando questionadas sobre os fatores influenciadores dessa atividade, expuseram questões que mais uma vez leva-se a perceber um empreendedorismo por necessidade:

*"eu precisava de uma renda, mas não tinha a possibilidade de cumprir horário, então vi a possibilidade de ter meu próprio negócio";* (participante 1; empreendedora no departamento de beleza; atua há mais de três anos)

*"Já trabalhei muito para os outros, mas confesso que não gostava, queria mais do que aquilo, queria ser dona de um negócio que fosse meu"* (participante 3; empreendedora no departamento de moda; atua há três anos).

Além disso, outras questões se fizeram presentes, como o fato do empreendedorismo ser algo inerente:

*"sempre tive o empreendedorismo na minha vida, mesmo sem saber que era empreendedorismo, e foi tomando gosto por querer minha independência financeira"* (participante 2; empre-

enedora no departamento de beleza; atua há mais de três anos).

Ao serem questionadas sobre os fatores que levaram a abertura do próprio negócio, as mulheres apontavam a necessidade de uma renda que fosse possível conciliar com as demais atividades e papéis que já faziam parte de suas rotinas, como mãe, estudante, esposa e mulher.

*”eu precisava ganhar dinheiro para me manter, mas não tinha condições de cumprir horário”* (participante 4; empreendedora no departamento de beleza; atua a mais de um ano).

Uma suposta flexibilidade é apontada por essas mulheres, como um dos pontos principais para a permanência na atividade de empreender, além de uma busca por uma independência financeira. Ver-se por meio dos relatos, que essas mulheres atribuem conotações positivas a essa ocupação, declarando ter sido algo de extrema importância para uma ascensão financeira e também social.

No que tange as atividades e funções em que atuam no empreendimento, verificou-se uma prevalência em ramos de beleza e cuidado. Assim percebeu-se que essas mulheres estão concentradas em setores que podemos considerar atividades típicas do gênero feminino.

De acordo com dados do SEBRAE (2014), os segmentos de beleza, estética, moda e saúde são dos que mais crescem no Brasil. Vale ressaltar que as atividades empreendedoras envolvidas na pesquisa são: salão de beleza e comércio de vestuário.

No entanto, apesar das dificuldades apontadas por essas mulheres, todas apontam um grau de satisfação elevado nessas atividades, afirmando que o empreendedorismo possibilitou melhorias em suas vidas. Discursos que refletem um orgulho de uma independência, atrelada não somente ao financeiro mais também a questões sociais e suas representações.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A economia brasileira vem passando por enormes transformações que acarretaram em mudanças no âmbito do trabalho feminino. Nos últimos anos, as mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho e com isso mais liberdade. Muitos foram os fatores sociais que contribuíram para essas mudanças, a elevação do nível educacional e a redução do tamanho da família, fizeram a mulher tornar-se um aspecto fundamental para o desenvolvimento econômico do Brasil.

Esse trabalho possibilitou uma análise de discursos de mulheres empreendedoras em seus mais variados contextos, sendo possível identificar questões relacionadas a uma produção subjetiva relacionada às dificuldades de ser mulher empreendedora. Verificou-se que essas mulheres enfrentam obstáculos com a acumulação de papéis, sendo esse um dos principais fatores que contribuem para a desigualdade no trabalho entre os gêneros. Porém essa concepção crítica não é algo consciente as mulheres que participaram da pesquisa.

Na compreensão de como essas novas formas de inserções se deram no mercado empreendedor, percebeu-se que as mulheres em questão têm em comum a busca por uma atividade que possibilitasse o não abandono dos demais papéis que já vivenciavam, como mãe, esposa, aluna, dentre várias outras. Visto que essas mulheres não se emancipam dos espaços ocupados, diferente dos homens, elas acabam por acumular atividades que ocupam tempos e espaços confluentes.

Ainda foi possível identificar que essa atividade representa uma suposta ascensão para essas mulheres, visto que há uma ilusão de ser empresária, de fazer seu próprio horário e de ser sua própria patroa, atribui uma representação social de sucesso no mundo do trabalho, e esses discursos são alimentados e fortalecidos pelo estado, sendo uma ótima forma de mascarar as desigualdades existentes com essa inserção. Tendo em vista que a atividade empreendedora, apesar de precária e informal, acaba tendo mais expressividade que a doméstica. Nesse sentido, se liga a uma maior expressividade no espaço cotidiano destas mulheres.

Outro ponto a ser destacado, é que o empreendedorismo delas deu-se por necessidade e não essencialmente por oportunidade, uma vez que a maioria precisava de uma renda, mas não tinham a possibilidade de cumprir horário, enxergando no empreendedorismo uma forma de conciliar as demais atribuições, mesmo que isso implicasse em uma jornada de trabalho mais extensa. Os dados apresentados

nas pesquisas mostram que mulheres encontraram no empreendedorismo um caminho para sobrevivência.

Vale destacar que o município em que foi realizada a pesquisa é caracterizado por uma precariedade na economia empregatícia, visto se tratar de uma localidade pequena em extensão e no número de habitantes. Sendo esse um possível fator de influência para a predominância do empreendedorismo feminino por necessidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, R. O. ; BATISTA, L. E. **Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento**. Uniesp, 2011. Disponível em:

[http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170602115149.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602115149.pdf). Acesso em 13 de outubro de 2019.

BRUSCHINI, Cristina. LOMBARDI, Maria Rosa. **A Bi-Polaridade do Trabalho Feminino no Brasil: O Emprego Doméstico e as “Novas” Ocupações**. Mulher e Ocupação 1999.

BRUSCHINI, Cristina. Desigualdades de gênero no mercado de trabalho brasileiro: o trabalho da mulher nos anos oitenta. In: FERNANDES, R. (org.) **O trabalho no Brasil no limiar do século XXI**. São Paulo: LTr., 1995b.

Bauman, Z. (2003). **Modernidade Líquida** (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

COELHO, Virginia Paes. **Trabalho e maternidade no cotidiano de professoras do ensino superior**. UNISA – Universidade de Santo Amaro 2002. P 1-16. Disponível em:

<https://www.cibs.cbciss.org/arquivos/TRABALHO%20E%20MATERNIDADE%20NO%20COTIDIANO%20DE%20PROFESSORAS%20DO%20ENSINO%20SUPERIOR.pdf> . Acesso em 27 de outubro de

2019.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Notas técnicas: síntese de indicadores sociais 2003. Rio de Janeiro, 2004. Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2005**. Rio de Janeiro, 2006.

GEM Report. Global Entrepreneurship Monitor. **1999 Executive Report**. Babson College, London Business School, Kauffman Center. Boston, 1999. Disponível em: <http://www.gemconsortium.org/document.asp?id=140>. Acesso em 14 Outubro de 2019.

GEM –Global Entrepreneurship Monitor (2013). **“O Empreendedorismo no Brasil. 2013.”** Curitiba: IBPQ, 2013.

GH COUTINHO, M.C.; BERNARDO, M.H.; SATO, L. **Psicologia Social do Trabalho**. Pretópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2017.

Gimenez, F. A. P. (2010). **Trajetórias empresariais femininas: estudo comparativo entre empreendedoras e sucessoras de empresas familiares** (Projeto de Pesquisa CNPQ). Curitiba, PR, Brasil.

Gomes, D. T; Guerra, P. V. & Vieira, B. N. (2011). **“O Desafio do Empreendedorismo Feminino”**. In: Anais do Encontro da ANPAD. 35. Rio de Janeiro.

Gomes, A. F.; Santana, W. G. P. & Araújo, U. P. (2009). **“Empreendedorismo Feminino: O Estado-da-arte”**. In: Anais do Encontro da ANPAD. 33. São Paulo.

Hisrich, R. D., & Peters, M. P. (2002). **Entrepreneurship (5<sup>o</sup> ed.)**. Boston: Irwin/McGraw Hill.

IBQP. Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo 2018. GEM (Global Entrepreneurship Monitor GEM).

Jonathan, E.G.; Silva, T.M.R. Empreendedorismo Feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. **Psicologia & Sociedade**; 19 (1): 77 84, jan/abr. 2007.

Machado, F. B. (2012). **“Dilemas de Mulheres Empreendedoras em Empresas Inovadoras Nascentes”**. In: Anais do Encontro da ANPAD. 36, Rio de Janeiro.

MACHADO, Hilka V et al. **O processo de criação de empresas por mulheres**. ERA eletrônica, v.2, n.2, p.1-22, 2003.

MALAGUTI, Manoel Luiz. **Crítica à razão informal: a imaterialidade do salariado**. São Paulo: Boitempo; Vitória: EDUFES, 2000.

MARIANO, S.; MAYER, V. F. **Empreendedorismo: fundamentos e técnicas para Criatividade**. Rio de Janeiro: LCT, 2011.

MARTINELLI, Alberto. O contexto do empreendedorismo. In: MARTES, A.C.B (Org). **Redes e Sociologia Econômica**. São Carlos: Edufscar, 2009.

NATIVIDADE, Daise Rosas da. Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 231-256, Feb. 2009. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-76122009000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122009000100011&lng=en&nrm=iso)>. access on 21 Aug. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122009000100011>.

OLIVEIRA, Andressa Somogy de; CASTRO, Carla Appollinario de SANTOS, Hudson Silva dos. Trabalho informal e empreendedorismo: faces (in) visíveis da precarização Pontes de Miranda: a ênfase na ciência. RBSD – **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 4, n. 3, p. 86-105, set./dez. 2017.

OLIVEIRA, Inara Rezende et al. Empreendedorismo social, pós-modernidade e psicologia: compreendendo conceitos, atuações e contextos. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de fora, v. 9, n. 2, p. 290-311, dez. 2016. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.Php?Script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202016000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.Php?Script=sci_arttext&pid=S1983-82202016000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 13 set. 2019.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribdro . Bauru, SP; EDUSC, 2005.

Powell, W. W. (1985). **Getting into print, the decision-making process in scholarly publishing**. Chicago: University of Chicago SEBRAE. **Disciplina de empreendedorismo**. São Paulo: Manual do aluno, 2007, 67p.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico. Uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SEBRAE. Empreendedorismo presente nas escolas. **Revista Sebrae**. Out-nov 2001. Disponível em: [http://www.sebrae.com.br/revistasebrae/01/pg\\_tema.htm](http://www.sebrae.com.br/revistasebrae/01/pg_tema.htm). Acesso em 11 de Outubro de 2019.

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L.C.S. Empreendedorismo Feminino e os Desafios Enfrentados pelas Empreendedoras para Conciliar os Conflitos Trabalho e Família: estudo de Casos Múltiplos em Agências de Viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, 10(1), pp. 44-64, jan./abr. 2016.